UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS OBRAS REENA E LUCY SOB A ÓTICA INTERSECCIONAL

III Encontro Nacional de Letras no Litoral Norte da Paraíba - ELLIN-PB, 3ª edição, de 08/05/2024 a 10/05/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-093-9

PEREIRA; José Tayrone Gomes [1], MAIOR; Maria Elizabeth Peregrino Souto [2], BARRETO; Thalita Cecília da Silva Barreto [3]

RESUMO

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS OBRAS REENA E LUCY SOB A ÓTICA INTERSECCIONAL

José Tayrone Gomes Pereira/jtgp@academico.ufpb.br/UFPB

Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior/mepsmm@academico.ufpb.br/UFPB

Thalita Cecília da Silva Barreto/thalitacecilia112@gmail.com/UFPB

INTRODUÇÃO

O propósito deste artigo é cotejar a representação feminina em duas obras literárias de escritoras afro-diaspóricas- a estadunidense de ascendência barbadiana Paule Marshall e Jamaica Kincaid, oriunda de Antígua e Barbuda naturalizada estadunidense. No conto Reena de Marshall, o leitor acompanha um recorte da vida da protagonista homônima em sua jornada de autoconhecimento e confronto com a opressão sofrida enquanto mulher negra. Já para Lucy, personagem central da obra de Kincaid, a subalternização sofrida também envolve o fato de ser uma mulher de cor migrante de frágil situação socioeconômica, o que ocasiona seu enfrentamento do preconceito como estrangeira em solo estadunidense.

Com a finalidade de analisar estas experiências, serão referenciadas neste trabalho as contribuições teóricas das pensadoras Davis (1981), Crenshaw (1991), Souza (2008), Morrison (2017) e hooks (1984; 2009; 2015). A relevância das teorizações das autoras se justifica por nos permitir contextualizar a trajetória do pensamento interseccional através das décadas. Além de atual, a abordagem interseccional é um importante parâmetro de análise das obras selecionadas, uma vez que suas protagonistas, mulheres que habitam uma zona intersticial entre dois mundos - o da colonização e o da globalização- têm suas existências atravessadas por diferentes marcadores sociais e culturais.

Valenza Pauline Burke, ou Paule Marshall, nasceu em 9 de abril de 1929, no Brooklyn, Nova York. Filha de imigrantes do Barbados, a autora buscou inspiração nas conversas entre sua mãe e outras mulheres Bajan para desenvolver sua ficção. Marshall publicou diversas obras literárias tal como *Soul Clap Hands and Sing* (1961) e Reena e outras histórias. Já Jamaica Kincaid, nascida Elaine Potter Richardson, nasceu em St John, arquipélago de Antígua e Barbuda, vindo a publicar sua primeira coletânea de contos, *At the bottom of the river* em 1983 e Lucy em 1990.

Nosso objetivo é investigar as jornadas de Reena e Lucy enquanto mulheres de cor, no que tange o enfrentamento das opressões no país de acolhimento, no caso, os Estados Unidos. Nossa análise enfocará quatro eixos principais- a interseccionalidade, a outremização, a solidão da mulher negra, e os mecanismos de resistência empregados pelas personagens.

A INTERSECCIONALIDADE COMO CONCEITO

O conceito de interseccionalidade evoluiu ao longo dos anos, graças às contribuições de pensadoras como Angela Davis e Kimberlé Crenshaw. Ambas observaram, em suas análises, as diferentes formas de opressão que atuam sobre a existência de mulheres de cor em sociedades que compartilham de uma base escravocrata e colonial. Desse modo, compreender a interseccionalidade significa não apenas contestarmos a neutralidade do gênero nas relações sociais, mas enxergá-lo sempre em relação a outros sistemas de dominação- raça e classe, por

[1] UFPB, jtgp@academico.ufpb.br
[2] UFPB, mepsmm@academico.ufpb.br
[3] UFPB, thalitacecilia112@gmail.com

exemplo.Antes mesmo que o termo interseccionalidade fosse cunhado de fato, a ex-escravizada Sojourner Truth já chamava atenção para as lutas e opressões que mulheres negras sofriam, mas terminavam por ser invisibilizadas e ignoradas no movimento de emancipação feminina, dominado por mulheres brancas de classe social abastada. Em seu discurso *Ain't I a woman?*, proferido em Ohio no ano de 1885, Truth já apontava a necessidade de considerar como diferentes identidades interagem umas com as outras para compreender verdadeiramente as experiências de opressão e marginalização.

Alinhada ao pensamento de Sojourner Truth está Angela Davis, que percebe que as opressões não acontecem de forma independente ou organizada em níveis de hierarquia, mas de modo concomitante. Em *Women, Race, and Class* (1981), Davis examina os distintos desafios impostos às mulheres negras estadunidenses através de uma análise histórica de suas trajetórias em diferentes momentos. Ela aponta que as mulheres negras serão sempre marcadas por um passado em que a opressão sobre seus corpos as afetava de modo desigual quando comparado às suas contrapartes brancas, assim como os seus companheiros negros.

Outra acadêmica responsável por importantes contribuições na percepção das diferentes opressões que atuam sobre as mulheres negras foi Kimberlé Crenshaw, jurista reconhecida por seu trabalho em prol do reconhecimento dos fatores raça, classe e gênero dentro do sistema jurídico americano. Em seu artigo *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*, Crenshaw revela importantes desafios para o futuro das mulheres negras no seu território, cujas experiências específicas de segregação no ambiente de trabalho estavam sendo invisibilizadas. A autora destaca que as teorias focadas apenas em gênero ou raça não captam adequadamente as experiências das mulheres negras e por isso introduz o termo "interseccionalidade" para abordar as complexas interações entre diferentes formas de opressão que essas mulheres enfrentam.

Estas opressões e discriminações sofridas por mulheres racializadas, embora em contextos distintos, são temas presentes nas obras Lucy e Reena. Os conflitos de Lucy como estrangeira procurando por uma vida melhor nos Estados Unidos se assemelham aos de Reena que, mesmo sendo estadunidense, é vista como 'o outro' em uma sociedade estruturalmente racista e sexista, onde não há lugar para ela.

OUTREMIZAÇÃO

Em sua coletânea de ensaios, *A Origem dos Outros(2017)*, Toni Morrison analisa o processo pelo qual ocorre a outremização[1] de certos grupos sociais, em especial das pessoas negras. Ao refletir sobre as motivações que culminam na marginalização das pessoas de cor, Morrison indaga: "Será a emoção de pertencer, que implica fazer parte de algo maior do que um único eu isolado, e portanto mais forte? Minha opinião inicial tende para a necessidade social/psicológica de um 'estrangeiro', um Outro, que possibilite definir o eu isolado" (Morrison, 2017, p. 20). Desta forma, há uma constante necessidade do 'eu' branco e colonizador de reafirmar a inferioridade do Outro, e ao mesmo tempo reafirmar a sua própria supremacia na tentativa de distanciar-se do "estrangeiro".

Tal distanciamento é evidente ao analisarmos as vivências das personagens Reena e Lucy, que estão em um constante embate com as imposições sociais da branquitude. Seja no mercado de trabalho, nas relações interpessoais ou no modo como se enxergam enquanto pessoa, o conflito com o Outro é algo que atravessa as protagonistas das narrativas analisadas.

Desde sua infância, Reena sente de forma profunda o que é ser o Outro na sociedade estadunidense, mesmo dentro da própria comunidade negra, visto que possui uma pele retinta. Ao recordar sua infância, a protagonista relata: "Por ser escura eu estava sempre sendo coberta com Vaselina, então eu não pareceria tão cinzenta. Sempre que alguém tinha que tirar uma foto minha eles passavam um pó esbranquiçado no meu rosto e deixavam as luzes tão fortes que eu sempre saía fantasmagórica "(Marshall, 1983, p. 83, tradução nossa). Isto corrobora com a afirmação de Morrison de que o processo de invenção do Outro pressupõe a imposição da imagem do que seria "bom" e agradável à sociedade.

Por isso, Reena sofre uma insistente tentativa de embranquecimento durante a infância e uma

[1] UFPB, jtgp@academico.ufpb.br
[2] UFPB, mepsmm@academico.ufpb.br
[3] UFPB, thalitacecilia112@gmail.com

clara rejeição na vida adulta, visto que sua pele escura é considerada inadequada dentro de um padrão que coloca a branquitude enquanto o ideal. Assim, a personagem tem a sua humanidade apagada e sua negritude torna-se um símbolo daquilo que desagrada tanto o sujeito branco e hegemônico, como o sujeito negro que reproduz o processo de outermização a fim de se aproximar dos ideais da branquitude.

De forma análoga, Lucy também enfrenta desafios ao se perceber como um Outro, mais especificamente enquanto uma mulher negra e migrante. Inicialmente, ocupa o lugar do Outro dentro de sua própria família quando ainda em Antigua. Pelo fato de ser a única mulher entre vários irmãos, é tratada como inferior pela mãe, que reserva todas as aspirações para os filhos homens, relegando à Lucy o desempenho do papel subserviente de mãe e esposa, sempre em relação aos homens que a cercam. Como consequência, Lucy é impulsionada a deixar seu país a fim de trabalhar como *Au Pair*[2] nos Estados Unidos, e é no encontro com uma cultura hegemônica e imperialista que constata o seu lugar de pessoa racialmente inferiorizada.

Desde o início de sua estadia, é possível constatar o confronto de Lucy com sua subalternidade ao observar o quarto no qual foi colocada, um cômodo reservado às empregadas. Esta autopercepção de inferioridade se agrava ao viajar de trem com a sua empregadora, Mariah, e observar a diferença entre os passageiros que servem e os que são servidos durante o trajeto: "Todas as outras pessoas sentadas para jantar pareciam parentes de Mariah; as outras que estavam servindo pareciam com os meus. [...] Mariah não parecia perceber o que tinha em comum com os outros passageiros, nem o que eu tinha em comum com o garçom. Ela agiu da sua maneira usual..." (Kincaid,1990, p. 23, tradução nossa). É no contraste com a branquitude que Lucy percebe o quão naturalizada é para sua patroa a estrutura de poder responsável por manter as pessoas de cor em lugar de servidão.

As diferenças de classe e raça são evidenciadas na relação desenvolvida entre Lucy e Mariah, e como a última enxerga em Lucy uma espécie de *Token*[3] a fim de validar sua generosidade enquanto pessoa branca. Segundo Morrison, um dos artifícios que torna o racismo e o processo de outremização mais palatável é a romantização do Outro, o mesmo estranhamento que leva à discriminação é o que nos faz querer ter posse daquele a quem julgamos inferior. Assim, "Em qualquer dos casos (seja no alarme, seja na falsa reverência), nós lhe negamos a realidade como pessoa, a individualidade específica que insistimos manter para nós mesmos."(Morrison,2017, p. 33), ou seja, tratar o outro de forma condescendente, como faz Mariah, é tão perigoso quanto o preconceito desvelado.

A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA

Em seu estudo psicanalítico sobre os custos emocionais que os homens e mulheres negras enfrentam ao não aceitar sua cor e seu corpo, com traços fenotípicos diferentes do padrão europeu branco, Neusa Santos Souza, em *Tornar-se negro: As vicissitudes da Identitade do Negro Brasileiro em Ascensão Social (2008)*, afirma que os mitos criados pelo racismo sobre os corpos negros ocasionam um sentimento de verdadeira repulsa dos indivíduos sobre o tamanho e formato dos seus lábios, cor da pele, nariz e cabelo, influenciando diretamente na auto-aceitação das pessoas negras assim como na questão identitária.

Nesse sentido, a autora argumenta que "A partir do momento em que o negro toma consciência do racismo, seu psiquismo é marcado com o selo da perseguição pelo corpo próprio" (Souza, 2008, p.16). Essa procura de si mesmo e a negação da imposição de uma construção de identidade branca que a pessoa negra foi cogitada a desejar, leva-o a um sentimento de amargura, solidão ou revolta resultantes da diferença em relação ao branco. Tais conflitos nos são apresentados através das protagonistas Reena e Lucy, mulheres negras que partilham de experiências de solidão firmemente arraigadas em sua compreensão identitária.

No caso de Reena, vimos que uma das formas de solidão enfrentada está alinhada aos seus relacionamentos amorosos, sempre veementemente conectados ao racismo. Seu primeiro envolvimento com um homem racializado, por exemplo, finda devido ao fato do parceiro considerá-la muito negra. Pressionado pelos pais para terminar o namoro, ele aquiesce, em uma

[1] UFPB, jtgp@academico.ufpb.br
[2] UFPB, mepsmm@academico.ufpb.br
[3] UFPB, thalitacecilia112@gmail.com

demonstração de superioridade, uma vez que nenhum dos três era negro retinto como Reena. O leitor compreende que, três pessoas negras de uma mesma família parecem enfrentar verdadeira cegueira identitária coletiva, ao desejarem se aproximar da branquitude, ratificando assim a ojeriza de sua própria cor.

O efeito dessa experiência de confronto com sua cor mina o psicológico da personagem. Embora a cor da pele não fosse anteriormente um fator impeditivo para Reena, passa a sê-lo quando ela percebe que sua negritude repele os que a cercam. O confronto com a negritude de Reena simboliza o encontro de todos consigo próprios, que passam a vê-la como imagem espectral de si mesmos. Ser como a outra negra retinta afasta a família inteira do ideal da beleza, distanciando-os tanto da branquitude almejada quanto do sucesso e do destaque social dela decorrentes.

Em outro momento da trama, Reena se envolve romanticamente com Bob, um homem branco de origem abastada. Embora a relação entre eles pareça, a princípio, promissora e confere certo grau de estabilidade, a protagonista logo percebe que se encontra tão vulnerável emocionalmente quanto no namoro anterior. Logo vem a sensação de ser outremizada novamente, desta vez por seu parceiro branco, que a enxerga como uma espécie de *token*, um troféu que imprime as cores de sua magnanimidade. Afinal, se relacionar amorosamente com uma mulher negra e demonstrá-la publicamente comprova o não racismo e a total aceitação de convivência com um outro racializado.

No entanto, quando convidada para conhecer o pai de Bob, Reena logo percebe que é uma peça usada em um jogo pelo filho branco a fim de confrontar o racismo do pai. A protagonista sente-se inferior e chega a ser humilhada pela cor da sua pele no seguinte excerto: "Eu nunca esquecerei ou perdoarei o olhar estampado no rosto do senhorzinho quando ele abriu a porta de seu hotel e me viu. O horror. Eu devo ter me tornado a personificação de todo o mal do mundo" (Marshall, 1938, p. 81, tradução nossa) . No excerto, fica comprovada a ojeriza causada pelo corpo negro da personagem- não sendo o padrão normativo branco, ele é mal visto e causa repulsa, sendo outremizado.

Por fim, temos a questão do machismo e sexismo no último relacionamento de Reena , fator decisivo que possibilitou a personagem não apenas abraçar sua solidão, como também ressignificá-la. Após conhecer Dave, um homem negro de pele clara que trabalhava como um fotógrafo freelancer, a protagonista se apaixona profundamente e com ele se casa. Pouco tempo depois de oficializar a união, a personagem se vê obrigada a abandonar seu emprego no departamento de publicidade de uma agência de serviço social a fim de se dedicar aos cuidados do lar, dos filhos e apoiar Dave em suas ambições. No entanto, enquanto Dave alcança o almejado sucesso, Reena demonstra insatisfação e deseja o retorno ao trabalho, ao que o marido rechaça. Neste enquadramento, bell hooks em *Feminist Theory: From Margin to Center (1984)* , afirma que a sociedade patriarcal procura restringir a autonomia e a liberdade da mulher isolando-a por meio da opressão. Em consequência da falta de autonomia, as mulheres sentem-se desvalorizadas e silenciadas, contribuindo para essa solidão social e emocional. É exatamente o que vemos em Reena, esse processo de maximização do isolamento se agrava pelo modo com que Dave a trata.

Há outros momentos da narrativa em que a protagonista demonstra estar sendo afetada pela solidão, como quando confidencia à amiga Pauline que ser uma mulher negra dentro de um contexto acadêmico é um obstáculo para a sua vida afetiva. Segundo ela:

Para os poucos homens elegíveis ao redor - aqueles que são seus pares intelectuais e profissionais, a quem elas podem respeitar (e são muito poucos deles) - nem sempre as casam, mas sim mulheres mais jovens, sem diplomas e empregos bem remunerados, que não representam uma ameaça, ou eles não se casam de jeito nenhum porque são ou homossexuais ou dominados por suas mães. Ou eles se casam com mulheres brancas. (Marshall, 1938, p 85, tradução nossa)

Conforme percebemos na citação supramencionada, a preferência dos homens por mulheres submissas e sem senso crítico é justificada pois assim são facilmente dominadas pelos seus maridos. O segundo aspecto que merece destaque é a afirmação de Reena de não se sentir pertencente ao seu próprio país, devido à falta de representatividade negra nos lugares de destaque. Nesse contexto, Neusa Santos Souza (2008), discute que a representatividade negra em um mundo onde a cultura branca predomina é muito importante para as mulheres de cor, pois a

[1] UFPB, jtgp@academico.ufpb.br
[2] UFPB, mepsmm@academico.ufpb.br
[3] UFPB, thalitacecilia112@gmail.com

falta dessa representação acaba direcionando ao isolamento e à solidão. Essas mulheres que não veem um reflexo de sua identidade nos lugares, acabam sentindo-se desvalorizadas e não pertencentes ao seu lugar de origem.

LUCY: SOLIDÃO E NÃO PERTENCIMENTO

A personagem principal da novela de Kincaid, a adolescente migrante Lucy, compartilha também o sentimento inicial de solidão, ao viajar de sua terra natal, Antígua, para os Estados Unidos, a fim de trabalhar como *au pair* para uma família abastada branca. Lucy idealiza os Estados Unidos como um lugar perfeito onde supostamente iria ascender socialmente, encontrar aceitação social e enfim se encaixar. No entanto, com o passar do tempo, ela se apercebe de sua ingenuidade uma vez que os relacionamentos com as pessoas de seu convívio eram marcados pela falsidade, levando-a a nutrir um sentimento de saudade de sua terra natal. Bell Hooks (2009) afirma que a mudança para um outro país proporciona novas demandas psicológicas que acabam criando expectativas frustradas, solidão e desconexão.

Um exemplo de situação de solidão vivenciada por Lucy está relacionado ao sentimento perene de saudades de casa e de suas origens. Cada fato ocorrido durante o período em que está trabalhando como *au pair* na casa de Mariah, é comparado a algum acontecimento que se deu em Antígua, sua terra natal. Em algumas dessas recordações, Lucy relata para Mariah o porquê de odiar tanto a sua mãe e como a distância entre as duas juntamente às atitudes repressivas da mãe impossibilitavam o amor. Ao engravidar do terceiro filho homem, os pais de Lucy começaram a fazer planos para o futuro dessa criança, que incluíam uma temporada de estudos na Inglaterra a fim de garantir-lhe um futuro brilhante como médico ou advogado. A decepção da protagonista fica evidente pelo fato de sua mãe não ter idealizado o mesmo para a filha, o que ocasiona a substituição do amor que Lucy nutria pela mãe por ódio. Como consequência veio a solidão, pois, para Lucy, se a própria mãe não a enxergava como um ser de valor com um futuro promissor, ninguém mais a veria e então, ela estaria sozinha nesse mundo incerto e sem expectativa.

Tal evento impulsionou a protagonista a migrar para os Estados Unidos à procura de esquecer o passado e iniciar uma vida nova. Diante disso, Neusa Santos Souza (2008), aponta que a negação da sua própria cultura e origem pode levar a uma sensação de deslocamento, favorecendo a uma ruptura de identidade que possibilitará posteriormente a perda dela. Desta forma, podemos ver tanto em Reena quanto em Lucy essa cisão e perda identitária, um deslocamento do eu ocasionado pela sensação de ser diferente. Outremizada tanto na sua própria cultura de origem pela mãe e pai, como no país de acolhimento pelos patrões, Lucy busca se desvencilhar da solidão e forjar um espaço só seu, em que possa exercer sua liberdade e encontrar um espaço para ocupar no mundo.

FORMAS DE RESISTÊNCIAS/TALKING BACK

A relação das personagens Reena e Lucy com o ato de retrucar, nomeado como talking back[4] por hooks, está presente em suas vivências desde o início da trama, pois ambas as personagens lutam para ter autonomia e voz em uma sociedade patriarcal, racista e sexista. A articulação de bell hooks em *Talking back thinking feminist, thinking black* (2015) sobre o ato de ter voz, está firmemente centrada na prática de falar por igual a uma figura de autoridade sem medo de repressão ou de ter sua opinião invalidada. A autora afirma que encontrar sua voz e fazê-la ser ouvida em uma sociedade opressiva é um ato de resistência, e uma forma de tornar as mulheres oprimidas e silenciadas em sujeitos ao invés de objetos.

Na obra de Marshall o leitor consegue perceber como o ato de revidar está presente na vida de Reena desde a sua infância. Aos treze anos de idade, a personagem inicia um processo de desenvolvimento do pensamento crítico ao ler obras de intelectuais tidas como revolucionárias pela narradora-personagem Pauline. Reena não só expressa verbalmente sua insatisfação com o racismo que afetava de maneira contundente tanto a ela como a comunidade negra como um todo, mas também estava pronta para revidar a qualquer argumento sem fundamento. como podemos ver a seguir:

[1] UFPB, jtgp@academico.ufpb.br
[2] UFPB, mepsmm@academico.ufpb.br
[3] UFPB, thalitacecilia112@gmail.com

Deve ter sido pouco depois disso que eu vi a Reena em um debate que estava ocorrendo em minha faculdade. Ela não me viu, já que era uma das oradoras e eu era apenas parte de sua audiência no auditório lotado. O tópico tinha algo a ver com a liberdade intelectual nas faculdades (o macartismo estava ganhando popularidade naquela época) e, além de um rapaz judeu do City College, Reena era a mais eficaz - perspicaz, provocativa, sua posição a mais radical. Os outros membros do painel pareciam intimidados não apenas pela força e coerência de seu argumento, mas pelo impacto de sua negritude em meio aos brancos. (Marshall, 1938, p. 79, tradução nossa)

O desejo precoce de Reena de falar sobre questões complexas, ilustra como o seu pensamento foi moldado diante das injustiças e opressões enfrentadas pela comunidade negra estadunidense que, mesmo após o fim da segregação racial de jure, continua a sofrer preconceito de facto:

E havia outra coisa. Eles achavam que estavam seguros, que eram especiais. [...] Ah, eles se sentiam seguros!" O sarcasmo tingia sua voz e depois abruptamente cedia à compaixão. "Coitados, eles não estavam seguros, sabe, e nunca estariam enquanto milhões como eles em Harlem, no lado sul de Chicago, bem no Sul, por toda parte, estivessem inseguros. (Marshall, 1938, p.78, tradução nossa)

hooks (2015) destaca a importância de dar voz às experiências das pessoas de cor que foram afetadas pela estrutura de opressão iniciada em países desenvolvidos, como uma forma de resistência e luta contra a dominação.

É perceptível como Lucy foi afetada em seu país de origem pela opressão e pela estrutura de poder que se solidificou após a tomada de Antígua pelos colonizadores britânicos. Porém, ao participar de um jantar organizado por Mariah, é constatado que os amigos de sua patroa possuem uma percepção distorcida da região do Caribe, conforme o excerto que se segue: "Eles tinham nomes como Peters, Smith, Jones e Richards — nomes que eram fáceis de pronunciar, nomes que faziam o mundo girar. De alguma forma, todos eles tinham ido para as ilhas — com isso, eles se referiam ao lugar de onde eu vim — e se divertiram lá."(Kincaid, 1990, p. 42 tradução nossa). Porém, Lucy manifesta repúdio e vergonha diante dessa concepção corrompida do colonizador de que os países outrora colonizados possam apenas ser definidos como uma espécie de paraíso original, que carece de desenvolvimento e progresso.

O que Lucy abomina é a falta de responsabilização demonstrada pelos cidadãos estadunidenses que, enquanto membros de uma potência capitalista, já causaram sofrimento às populações colonizadas, muitas vezes completamente extintas por conta de sua intervenção política, como demonstrado no seguinte excerto: “Decidi não gostar deles apenas com base nisso; desejei mais uma vez que eu viesse de um lugar para onde ninguém quisesse ir [...]; de alguma forma, me envergonhava vir de um lugar onde a única coisa a ser dita sobre ele era “Me diverti quando estive lá'". (Kincaid, 1990, p. 42,tradução nossa)

Em outros momentos da narrativa é notório que as personagens utilizam os mesmos mecanismos de resistência. O primeiro deles ocorre quando a personagem batizada como Doreen muda o seu nome para Reena. A mudança corresponde a um anseio manifestado de desafiar as expectativas culturais e sociais associadas ao nome recebido. Se os nomes são símbolos de identidade e pertencimento, no momento em que adota o nome Reena, a protagonista rejeita a imposição cultural, reivindicando o direito de definir sua própria identidade.

Nessa perspectiva, hooks em Belonging a Culture of Place (2009), menciona um ritual de nomeação que sua avó Baba fazia ao falar com as pessoas. Essa prática ancestral consistia em perguntar o nome, quem era ou o que estava fazendo pois, para Baba, era um ritual que estabelecia uma conexão com os entes já falecidos. Nesse contexto, Reena estaria abrindo mão de suas origens ancestrais eivadas da dor e do sofrimento oriundos de um passado de escravidão, para iniciar uma busca pela força, pelo empoderamento, e por uma nova identidade, apontando para a superação, ao invés do pesar e da tormenta.

Assim como Reena, Lucy também expressa um desejo de assumir uma nova identidade, tomando para si a alcunha de Enid, uma autora branca que admirava. A personagem considera Lucy um nome inglês de valoração colonial, o que vai de encontro ao seu sentimento de desidentificação com o passado de domínio britânico. Ao optar pela alcunha de Enid, a protagonista estaria

[1] UFPB, jtgp@academico.ufpb.br
[2] UFPB, mepsmm@academico.ufpb.br
[3] UFPB, thalitacecilia112@gmail.com

rejeitando as suas raízes coloniais e negando ser definida como alguém inferior e destituída de valor. No entanto, sua mãe se opõe à ideia do novo nome da filha, como ela própria descreve a seguir: "Eu disse, 'Eu não gosto do meu nome, Lucy. Eu quero mudá-lo para Enid. Eu gosto mais desse nome.' No momento em que eu disse isso, ela ficou com uma cor escura, a cor do sangue fervente. Ela se virou para mim, ela não era mais minha mãe — ela era uma bola de fúria, imensa, como uma deusa" (Kincaid, 1990, p. 93).

Na verdade, a indignação da mãe ao saber da escolha de Lucy se justifica pelo fato de Enid ser o nome da curandeira contratada pela amante do pai para matar sua mãe, ainda grávida. Depois lhe será revelado que seu nome de batismo, Lucy, seria na verdade uma referência a Lúcifer pois, para sua mãe, a filha era um incômodo desde quando foi concebida. Desse modo, Lucy demonstra gostar do novo sentido, indo de encontro ao que é aceitável e divino, assim como Lúcifer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo comparativo das obras nos permite identificar as diferentes formas de opressão que atuam simultaneamente nas vidas de mulheres racializadas, como sustentado por Davis (1981). Reena e Lucy sofrem discriminações que estão enraizadas nas estruturas de gênero, raça e classe que predominam nos contexto social no qual estão inseridas. A personagem Lucy tem o fato de ser uma mulher migrante adicionado à sua experiência enquanto mulher de cor.

Outro aspecto evidente na trajetória das personagens é a Outremização, analisada por Morrison (2017). Reena passa por um processo de embranquecimento enquanto criança e percebe, desde muito jovem, a impossibilidade de alcançar o ideal de beleza, em virtude de ser branco. Por sua vez, Lucy é primeiramente outremizada no seu ambiente familiar ao ser menosprezada pelo fato de ser mulher. Este é um dos fatores que a fazem deixar seu país e construir uma vida nos Estados Unidos, mas é no contato com a cultura hegemônica que a protagonista percebe-se enquanto o “outro” estrangeiro e exótico.

Além disso, a solidão da mulher negra é um tema patente que perpassa a vivência das protagonistas. Consoante o pensamento de hooks (1984), as mulheres negras enfrentam o isolamento que pode partir de sua própria comunidade, incluindo seus parceiros também negros, como é o caso de Reena. O sentimento de afastamento social também é constatado na trajetória de Lucy, que enfrenta a solidão do outro racializado, da pessoa estrangeira que se sente como não pertencente daquele lugar. Tal estado de não pertencimento corrobora com hooks (2009), ao afirmar que a mudança para outra cultura gera uma desconexão do indivíduo com sua identidade.

Entretanto, é importante pontuar que as histórias destas mulheres não se resumem às discriminações a que são submetidas, mas tão importante quanto pontuar seus desafios é reconhecer seus mecanismos de resistência. Seja na recusa de Lucy em ser objetificada pelo opressor ou na luta de Reena em organizações que reivindicavam reformas sociais e melhores condições de vida para a população negra, as narrativas aqui analisadas apresentam as formas de revide utilizadas pelas personagens a fim de superar as tentativas de apagamento e subalternização às quais são submetidas.

1 O termo outremização tem origem com a publicação do livro Orientalismo (1977) de Edward Said. O autor aponta como o Ocidente cria narrativas que constroem uma ideia distorcida a respeito dos países localizados no Oriente global.

2 Termo utilizado para uma pessoa jovem, estrangeira e geralmente do sexo feminino que reside com uma família, realiza atividades domésticas e ajuda com as crianças em troca de moradia e remuneração.

3 Uma representação superficial e forçada, onde um indivíduo de grupo minoritário é utilizado como uma espécie de símbolo para apresentar uma falsa igualdade.

4 "Talking back" é uma expressão em inglês que se refere ao ato de responder de forma desafiadora ou insolente a uma figura de autoridade, como pais, professores ou superiores. Esse

[1] UFPB, jtgp@academico.ufpb.br
[2] UFPB, mepsmm@academico.ufpb.br
[3] UFPB, thalitacecilia112@gmail.com

comportamento é geralmente considerado indesejado e falta de respeito, podendo incluir respostas rudes, desobediência e argumentação.

REFERÊNCIAS

CRENSHAW, Kimberlé W. **Demarginalizing the intersection of race and sex; a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. Chicago: University of Chicago Legal Forum, 1989.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. 1 edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

HOOKS, bell. **Belonging a Culture of Place**, Madison Ave, New York, NY, 2009.HOOKS, bell. Feminist theory: from margin to center. New York: Routledge, 1984.

HOOKS, bell: **Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black**. Boston: South End Press, 2015.

MORRISON, Toni. **A origem dos outros: Seis ensaios sobre racismo e literatura** Trad. Fernanda Abreu; prefácio Ta-Nehisi Coates. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

PALAVRAS-CHAVE: Paule Marshall, Jamaica Kincaid, Interseccionalidade, Reena, Lucy

[1] UFPB, jtgp@academico.ufpb.br
[2] UFPB, mepsmm@academico.ufpb.br
[3] UFPB, thalitacecilia112@gmail.com